

EVOLUÇÃO DE UM CONCEITO: Breves considerações sobre o espaço

Marcos Henrique Aguiar¹

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo explorar, de forma concisa, uma contraposição entre diferentes concepções de espaço e suas implicações teórico-epistemológicas no pensamento geográfico. A metodologia adotada consistiu basicamente no exame da literatura tendo por base alguns autores que se dedicaram à discussão sobre o conceito de espaço. Num primeiro momento expõe-se a influência na Geografia da concepção de espaço que se consolidou como hegemônica na tradição filosófica ocidental a partir de Descartes e Newton. Em seguida se discute a emergência de uma nova abordagem, em que a reafirmação do espaço e seu entendimento como produto social, encontram seus fundamentos no acolhimento da espacialização na teoria marxista, processo particularmente associado ao nome de Henri Lefebvre.

Palavras-chave: Espaço Absoluto, Espaço Social, Epistemologia Crítica, Geografia

ABSTRACT: This article aims to explore an opposition between different conceptions of space and its theoretical and epistemological implications in geographical thought. The adopted methodology consisted basically of the literature review based on some authors who were dedicated to the discussion about the concept of space. Initially we seek to expose the influence in the Geography of idea of space that has established itself as hegemonic in the Western philosophical tradition from Descartes and Newton. The following are the emergence of a new perception, in which the reassertion of space and its understanding as a social product, which find their basis in the reception of spatialization in marxist theory, a process particularly associated with the name of Henri Lefebvre.

Keywords: Absolute Space, Social Space, Critical Epistemology, Geography

EVOLUCIÓN DE UN CONCEPTO: Breves consideraciones sobre el espacio

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo explorar, de manera concisa, un contraste entre diferentes concepciones del espacio y sus implicaciones teórico-epistemológicas en el pensamiento geográfico.

¹ Doutor em Geografia pela Universidade Federal Fluminense. Docente da rede do Município do Rio de Janeiro. E-mail: mhaggeo@yahoo.com.br.

La metodología adoptada consistió básicamente en examinar la literatura a partir de algunos autores que se dedicaron a la discusión sobre el concepto de espacio. En un primer momento, se expone la influencia en la Geografía de la concepción del espacio que se consolidó como hegemónica en la tradición filosófica occidental a partir de Descartes y Newton. A continuación, se discute el surgimiento de un nuevo enfoque, en el que la reafirmación del espacio y su comprensión como producto social, encuentran sus fundamentos en la recepción de la espacialización en la teoría marxista, proceso particularmente asociado al nombre de Henri Lefebvre.

Palabras clave: Espacio Absoluto, Espacio Social, Epistemología Crítica, Geografía

Introdução

Para o propósito do presente artigo pretende-se recuperar a evolução do conceito de espaço e sua adoção pela Geografia, a partir de um exercício de contraposição entre, de um lado, a concepção de espaço – uma realidade abstrata e metafísica - que se consolida com a modernidade a partir das ideias filosóficas de René Descartes (1596-1650), de Isaac Newton (1643-1727) e, guardadas as devidas diferenças, de Immanuel Kant (1724-1804), e de outro, o espaço considerado enquanto uma dimensão socialmente produzida, concepção que exerceu forte influência no debate sobre os rumos do pensamento geográfico nos anos 70, concepção esta normalmente associada ao pensamento de Henry Lefebvre (1901-1991). Do ponto de vista metodológico o trabalho se apoia na literatura - tanto nacional quanto estrangeira - concernente à teorização do espaço tendo por base alguns autores, que se dedicaram à discussão sobre a temática em questão.

Conforme adverte David Harvey (2017, p.8), o conceito de espaço envolve uma variedade bastante extensa de significados e de múltiplas determinações o que torna difícil ou mesmo impossível sua generalização, uma vez que a construção de seu significado é contingente e reflete os mais diversos campos disciplinares. Considerando-se especificamente a Geografia, é possível identificar distintos significados e conceituações da noção de espaço em virtude das diferentes correntes ou vertentes de

AGUIAR, *Evolução de um conceito: Breves considerações sobre o espaço.*

Doi: 10.51308/continentes.v1i20.325

pensamento que se formataram ao longo da trajetória de desenvolvimento desta disciplina.

Desde já fica expresso o posicionamento do autor deste trabalho a favor da concepção de espaço enquanto produto social, tendo em vista suas implicações de ordem política - que envolve sua apropriação – bem como àquelas relacionadas à estruturação e reprodução social.

Ao longo da tradição geográfica, ao espaço não foi reservada uma posição enquanto categoria-chave, uma vez que, conceitos como os de região e paisagem, por exemplo, ocupavam uma posição de maior destaque (CORRÊA, 1995; MORAES, 2007; HAESBAERT, 2010). Entretanto, ainda que não tenha se constituído inicialmente em conceito-chave, o espaço por vezes aparece nos trabalhos de alguns geógrafos representativos da chamada geografia tradicional de forma ora mais explícita e concreta como, por exemplo, em Ratzel, e ora de forma mais implícita e abstrata como em Hartshorne (CORRÊA, 1995; MORAES, 2007)².

No período contemporâneo o conceito de espaço, reformulado, se consagrou como categoria central. A partir da emergência da geografia quantitativa tal conceito se converte em categoria-chave, ainda que fundado numa concepção idealista e abstrata – uma herança do passado - tendo por referência modelos matemáticos (HAESBAERT, 2010, p.160). Ainda assim, em alguma medida essa primeira revalorização do espaço representa uma mudança em relação ao momento precedente, de domínio da chamada geografia tradicional, uma vez que os padrões fixos das localizações são sucedidos por um entendimento que concebe a idéia de movimento e de relação entre objetos³. Reforçando essa ideia, Corrêa (1995) ressalta a centralidade assumida pela primeira vez pelo conceito de espaço, em detrimento dos conceitos de paisagem e região.

A seguir faz-se uma breve discussão da concepção de espaço absoluto, uma extensão entendida como pré -existente - por muito tempo dominante - ressaltando sua

² O espaço em Ratzel é entendido como uma base formada pelos fatores naturais indispensáveis à subsistência do homem. Para Hartshorne, o espaço é considerado como uma dimensão absoluta e abstrata, um receptáculo onde estão contidas as coisas, não tendo existência concreta, uma vez que se trata de uma referência intuitiva do fenômeno (CORRÊA, 1995, p. 18).

³ A geografia quantitativa ou neo positivista, promove o espaço à uma condição de categoria central da geografia, ultrapassando o entendimento de posições fixas e absolutas dos objetos, a favor de um “espaço relativo” (HAESBAERT, 2010).

formulação no âmbito do pensamento filosófico moderno, tendo em vista sua influência e suas implicações epistemológicas no pensamento geográfico. Logo em seguida em contraposição àquela concepção busca-se apresentar os traços fundamentais referentes à renovação teórica e epistemológica do conceito de espaço a partir de uma perspectiva crítica.

O espaço abstrato como herança

Ruy Moreira (2013) adverte que as reflexões realizadas no campo da Geografia ainda estão fortemente influenciadas por uma concepção de espaço que oferece entraves no sentido da adoção de um pensamento analítico por seu intermédio. Trata-se na realidade de uma elaboração teórica que chegou à forma como a conhecemos hoje que é tributária de uma longa tradição, sendo retomada e reforçada na modernidade inicialmente a partir de René Descartes, de Isaac Newton e posteriormente de Immanuel Kant.

Supõe-se que o processo de abstração do espaço teria tido início com o homem primitivo, partindo de questões de ordem prática. Na Grécia Antiga o caráter abstrato do espaço e seus atributos ganharam uma elaboração mais complexa a partir das investigações filosóficas a exemplo dos chamados filósofos pré-socráticos⁴. Posteriormente, em Aristóteles, o espaço deixa de ser considerado como vazio e infinito, sendo entendido como uma dimensão contínua, que reúne todos os lugares, cujos limites são correspondentes aos dos corpos que os ocupam, concepção diferente daquela que irá mais tarde se consagrar como dominante na ciência moderna.

Para M. Jammer (2010, p. 54), as concepções teológicas que remontam à antiga cultura judaica, desempenharam uma importante influência nas teorias do espaço na ciência moderna. Jammer aponta o fato de que o espaço, por conta de tal influência religiosa, passou a ser considerado como um “atributo de Deus” ou mesmo que se confundindo com o corpo de Deus. Ainda de acordo com o referido autor o indício mais

⁴ Apenas a título de exemplo, os filósofos pitagóricos, ainda que de forma não homogênea, consideravam o espaço como algo vazio, infinito, existente em si e continente das coisas. Para os atomistas o espaço, uma extensão ilimitada e incorpórea, estaria associado ao vazio, ao vácuo, no qual os átomos permaneciam em movimento permanente. O vazio corresponde ao espaço não ocupado pela matéria, ou aos intervalos entre as partículas que a constituem (JAMMER, 2010).

antigo a respeito do uso do termo lugar (*makom*) para se referir a Deus, poderia se encontrado no judaísmo palestino do século I d. C.

Essa “metafísica” do espaço, de caráter religioso, exerceu uma importante influência posteriormente sobre o pensamento de René Descartes e de Isaac Newton, cujas ideias a respeito da concepção de espaço instituíram o que viria a ser o perfil paradigmático da ciência moderna.

Descartes inaugura o conceito moderno de espaço, fundado na matemática e entendido como uma extensão geométrica do real. Para Descartes, além de Deus, o universo é constituído de dois tipos de substâncias diferentes entre si, a substância pensante, chamada de *res cogitans* e a substância extensa, material, chamada de *res extensa*. A extensão é considerada como o principal atributo do corpo, uma propriedade geométrica constituída de largura, altura e comprimento. Esse espaço abstrato, contínuo, infinito (numa alusão ao divino) e pleno, se constitui enquanto coisa extensa e receptáculo dos corpos. Nesse sentido o espaço é percebido como uma dimensão fixa, imutável, e que existe em si mesmo, noção absolutamente distinta da noção de espaço enquanto produto social, mutável e dinâmico, conforme será visto.

Na visão de Newton - cuja teoria do espaço ocupa um papel central nas teorizações no campo da física mecânica - a concepção do espaço absoluto, entendido como algo imóvel, infinito, independente de qualquer coisa externa e sustentáculo dos corpos, que sobre ele se movimentam, se vincula à considerações de ordem religiosa. Embora Newton tenha estabelecido uma demarcação entre os temas da ciência e aqueles relativos à religião e à metafísica (JAMMER, 2010, p. 133), a teorização sobre o espaço seria uma exceção, uma vez que nas formulações do Físico o espaço guardaria uma identificação com Deus ou com seus atributos. Ao conceito de espaço absoluto, Newton incorpora o conceito de espaço relativo, que corresponde ao primeiro, porém ocupado pelos corpos, seu conteúdo. Newton estabelece assim as bases da física mecânica, fundada no discurso do absoluto e do relativo.

Essa forma de organização do mundo, que envolve o tempo e o espaço, se converte numa estrutura que se torna comum tanto às ciências da natureza quanto às ciências sociais ou do homem, nela estando sempre presente uma dissociação entre os

fenômenos - identificados como as coisas reais - e sua base ou plano onde se alojam e se distribuem. Referindo-se à Geografia, Ruy Moreira afirma que:

O geógrafo operou, e opera ainda agora, com um conceito externo e matemático de espaço, tempo, homem e natureza que são filhos diretos da física mecânica criada entre os séculos XIII e XVII. (MOREIRA, 2013, p. 120)

Por isso, as estruturas de pensamento que são acionadas nas reflexões em Geografia estão fortemente condicionadas por um aprisionamento teórico-conceitual, que se vincula à própria condição de ser do conceito, aquilo que é definido por Ruy Moreira (2013) como espacialidade - em contraposição à idéia de espacialidade, referida à sua dimensão empírico-concreta - e nesse caso, o espaço é entendido como uma extensão geométrica absoluta, já dada, um mero suporte dos corpos. Assim considerado, o espaço absoluto é uma extensão, uma base primária sobre o qual se definem as localizações e o arranjo dos fenômenos organizados numa estrutura geométrica. O autor atribui ao uso recorrente da concepção moderna de espaço - cartesiano-newtoniano - a adoção, geralmente, da simplicidade na produção geográfica.

[...] no geral da literatura geográfica existente, só aqui e ali a Geografia aparece como uma forma de abordagem do mundo como complexidade e o espaço como modo de referência do complexo. O que tem a ver com o conceito de espaço - o simples-claro cartesiano - e o hábito de ver e sentir em geografia que daí emana com que esta literatura trabalha. (MOREIRA, 2009, p. 121)

É a partir do referencial da física de Newton que Immanuel Kant (1724-1804) irá desenvolver sua formulação filosófica e seu entendimento acerca da noção de espaço. Para Kant - filósofo que lança os primeiros fundamentos da geografia moderna - os fenômenos são percebidos enquanto realidades espaciais, uma vez que quando os vemos, já aparecem organizados num determinado ponto da paisagem. Entretanto, o espaço não é algo perceptível aos nossos sentidos, mas o que permite a percepção dos fenômenos. Embora se manifeste no plano da sensibilidade e das percepções, o espaço preexiste aos fenômenos, constituindo um dado *a priori*.

O espaço, assim como o tempo, constitui para Kant uma forma pura de sensibilidade ou de intuição. Assim, para Kant, o espaço não se trataria de um conceito

AGUIAR, *Evolução de um conceito: Breves considerações sobre o espaço*.

Doi: 10.51308/continentes.v1i20.325

empírico resultante da experiência e da sensação das coisas externas, mas estas pressuporiam sua percepção. Jammer (2010, p. 179) comenta que a rigor não existiria no mundo externo algo que poderia ser identificado como objeto espaço, apreendido pela percepção, mas sim o meio pelo qual percebemos os objetos e as coisas.

[...] o espaço é uma percepção necessária *a priori*, subjacente a todas as percepções externas, pois não podemos imaginar a inexistência dele, embora possamos perfeitamente imaginar que não haja objetos nele. (JAMMER, 2010, p. 179)

Ao expor a gênese do conceito de espaço e suas implicações epistemológicas no âmbito do pensamento geográfico, Moreira (2012), ao comentar especificamente a influência kantiana, afirma que o espaço para o Filósofo é “[...] um já dado do mundo, que o homem capta com a percepção dos fenômenos” (MOREIRA, 2012, p. 18). O espaço possuiria, portanto, uma conotação de abstração, percebido como uma forma pura da percepção, e neste sentido, destituído de qualquer realidade empírica.

Ainda que as formulações de Kant se situem já num momento de questionamento do paradigma físico-matemático, como por exemplo, da dicotomia sujeito-objeto, ainda permanece sob influência de tal tradição (MOREIRA, 2012, p. 65).

Da mesma forma, Gomes (2000) ao citar Harvey afirma que a influência de tal tradição da concepção de espaço,

[...] se situa na herança kantiana de um espaço considerado de maneira absoluta. Este tipo de raciocínio estabelece a hipótese da singularidade das localizações, considerando as regiões como realidades dotadas de individualidades geográficas, ligadas, portanto, ao entendimento do espaço como uma dimensão absoluta. (HARVEY, *apud* GOMES, 2000, p.259)

Conforme visto até o momento, a matriz conceitual do espaço que emerge com a ciência moderna encontra-se associada fundamentalmente às figuras de R. Descartes, de I. Newton e de I. Kant, cujas formulações filosóficas concebem o espaço como algo pré-existente, infinito, apriorístico e como receptáculo dos corpos, acepção muito distinta de seu entendimento como produto social, conforme discutido no tópico seguinte.

O espaço como produto social

AGUIAR, *Evolução de um conceito: Breves considerações sobre o espaço.*

Doi: 10.51308/continentes.v1i20.325

A possibilidade de considerar o conceito de espaço em outros termos no âmbito do pensamento geográfico foi aberta a partir do movimento de renovação porque passou a geografia a partir dos anos 60 do século passado. Mais precisamente a década de 70 representa o momento a partir do qual se afirma uma ruptura entre uma vertente da geografia inspirada no materialismo histórico e dialético⁵ e a chamada geografia tradicional, ruptura essa que se estende também à Geografia Teórico-Quantitativa, corrente que se desenvolve a partir da década de 1960. Nesse contexto, o espaço reaparece como categoria-chave e as discussões e debates em torno do conceito envolveram aspectos relacionados à sua natureza, seu significado, bem como sua relevância como categoria de análise (CORRÊA, 1995).

A questão que está posta nesse momento é o caráter de validade da geografia enquanto ciência, que deveria ser dotada de um instrumental teórico-conceitual capaz de ultrapassar a mera descrição superficial dos fenômenos, uma reflexão, portanto, que repousaria sobre as bases epistemológicas da própria disciplina. Nas palavras de Paulo César Gomes (2000, p. 297) “[...] a questão é saber se a geografia pode existir como ciência do espaço com autonomia, ou se ela deverá se curvar às determinações sociológicas e à causalidade histórica”.

Embora a perspectiva das relações de poder inscritas no espaço já estivesse presente nos debates e preocupações do movimento de renovação crítica da geografia durante os anos 70, como fez, por exemplo, Yves Lacoste, foi Henri Lefebvre que acabou por exercer uma influência decisiva na Geografia em virtude de sua preocupação em incorporar o conceito de produção do espaço no capitalismo a partir de uma reinterpretação da teoria marxista.

A consideração do espaço enquanto produto social trazida por Lefebvre representa um momento de inflexão, uma vez que aponta para um novo referencial teórico e epistemológico e para um esforço de superar “El esquema según el cual el espacio vacío preexiste a aquello que lo ocupa sigue conservando aún mucho vigor”

⁵ Aqui merecem menção a geografia crítica de origem francesa e a geografia radical anglo-saxã - que influenciaram a produção intelectual de autores de várias nacionalidades - que têm como base comum um posicionamento político radical contrário às condições da estrutura social e espacial geradas pelo capitalismo contemporâneo, bem como um posicionamento crítico à chamada geografia tradicional (GOMES, 2000).

(LEFEBVRE, 2013, p. 76). A passagem seguinte retrata de forma clara esse novo entendimento a respeito do conceito de espaço:

Cuando el espacio social deje de ser confundido, de un lado, con el espacio mental (definido por los filósofos y los matemáticos), y de otro lado, con el espacio físico (definido por lo práctico-sensible y la percepción de la naturaleza), entonces se pondrá de manifiesto toda su especificidad. Será necesario mostrar más adelante que este espacio social no consiste en una colección de cosas, en una suma de datos (sensibles), ni tampoco en un vacío colmado (algo así como un envase) de materias diversas; habrá que mostrar que no se reduce a una forma impuesta a los fenómenos, a las cosas, a la materialidad física. (LEFEBVRE, 2013, p.87)

No dizer de Milton Santos (2008, p. 2010), “Todas as tentativas de explicar o espaço subtraíram o problema chave de sua produção, a grande exceção vinda de Henry Lefebvre”. Autores como Soja (1993) e Corrêa (1995) consideram que na análise marxista, a consideração do espaço como produto social e como uma dimensão que exerce uma influência decisiva na estruturação e na reprodução da sociedade surge a partir de Henri Lefebvre. Harvey (2017) ressalta a pouca importância atribuída pela tradição marxista a uma visão mais abrangente das questões que envolvem o espaço, sendo Lefebvre uma das exceções.

Entre os anos 30 e 50 do século passado, Lefebvre exerceu forte influência nos rumos da filosofia e da teoria marxistas na França. Posteriormente a esse período, tornou-se um dos mais destacados teóricos do marxismo ocidental e defensor da afirmação do espaço na teoria social crítica (SOJA, 1993).

Sob a influência do pensamento de Lefebvre, o espaço passa a ser pensado a partir de uma nova concepção, bem distinta daquela que se consolidou na geografia moderna, que, conforme vimos, remonta ao pensamento de Descartes-Newton e Kant. O espaço vazio, absoluto, matematizado, dá lugar ao espaço como produto social. Obviamente que não se trata de um mero deslocamento a partir da adoção de uma nova nomenclatura, ou de alguma mudança que se opere apenas no nível da linguagem. Na realidade as implicações são bem mais profundas, porque situadas no plano ontológico, uma vez que o espaço passa a ser pensado como inerente à própria constituição da sociedade e, da mesma forma, em sentido inverso.

Para Lefebvre a especificidade do espaço (social)⁶ aparece quando este deixa de se confundir com o espaço mental concebido à maneira dos filósofos e matemáticos (através das representações metafísicas e abstratas) e com o espaço físico.

Embora se trate de um produto social, Lefebvre (LEFEBVRE, *apud* Corrêa, 1995, p. 25) considera que o espaço não se reduz a um mero produto da sociedade, algo objetivado, mas, vai além disso, pois se trataria do *locus* das relações sociais de produção bem como diz respeito também às relações de reprodução social.

Na concepção de espaço de Lefebvre (2013, p. 72) está presente uma concepção a partir de uma teoria unitária, em que se considera o espaço a partir de uma perspectiva física – referida aos fenômenos naturais do mundo sensível, ao imaginário ou mental e à prática social. No entanto, Lefebvre adverte que uma teoria unitária não implica a eliminação do conflito, mas ao contrário, há uma permanente tensão dialética.

Conforme argumentação de Edward Soja (1993), até que a geografia moderna recebesse as influências do pensamento marxista por volta dos anos 60 e posteriormente, sob influência de H. Lefebvre, incorporasse o espaço como uma dimensão realmente relevante e intrinsecamente atrelada às relações sociais não se deu de forma simples e imediata. Além da pequena inclinação do marxismo para com a dimensão espacial da sociedade⁷, o historicismo – e a conseqüente valorização do tempo em detrimento do espaço - que já percorria uma longa trajetória, ainda se configurava como uma influência hegemônica na teoria social crítica, fato que contribuiu para a manutenção da invisibilidade da espacialidade da vida social por um longo período.

⁶ O espaço (social) em Lefebvre é analisado a partir de uma perspectiva tridimensional, em permanente tensão dialética, aquilo que o autor chama de três momentos em relação à sua produção: o espaço percebido, associado ao espaço da prática espacial, correspondente à dimensão material das atividades, das interações sociais e da percepção sensorial da realidade pelos sujeitos; o espaço concebido, associado às formas de representação do espaço, mediante o discurso, as imagens, mapas, planos, etc., resultantes das elaborações de diversos campos disciplinares, como o urbanismo, a arquitetura, a geografia e o planejamento urbano, por exemplo, e por fim, o espaço vivido, associado aos espaços da representação, que expressam a dimensão simbólica do espaço, vinculada aos processos de significação elaborados pelos sujeitos e cognitivamente conectados à base material construída (LEFEBVRE, 2013, p. 40).

⁷ A crítica de Marx ao idealismo hegeliano se estendeu à negação do espaço - representado na figura do Estado territorial, como motor da história – em favor do tempo, assentado na consciência e na luta de classes (SOJA, 1993).

Anteriormente ao afinal do século XX – quando emergem novas influências e novas abordagens no sentido de uma revalorização da espacialização do pensamento crítico – o espaço ainda tendia a ser considerado como “[...] fixo, morto e não-dialético, e o tempo como a riqueza, a vida, a dialética e o contexto revelador da teorização social crítica” (FOUCAULT *apud* SOJA, 1993, p. 18).

A partir do final da década de 1970 o espaço reaparece como objeto de debate no que diz respeito à sua consideração e relevância na interpretação materialista da história. Nesse momento ainda eram grandes as resistências de uma “[...] ortodoxia historicista reafirmativa [...]” (SOJA, 1993, p. 73) quanto à consideração do espaço na teoria marxista. De qualquer forma, se a idéia de que o espaço faz realmente diferença no entendimento e na análise dos processos sociais não se impôs de imediato, se tornou cada vez mais presente ao longo dos anos 80 a tese de que a organização do espaço não era apenas um produto social, mas que também, ao mesmo tempo, exercia influência na maneira como se conformam as relações sociais.

Referindo-se aos equívocos das interpretações dos teóricos marxistas mais ortodoxos às idéias de Lefebvre sobre o espaço, Soja afirma que faltou a essas análises e interpretações a consideração do espaço em sua relação dialética com as relações sociais. Nesse sentido, o espaço não seria nem um componente ou uma estrutura que dispõe de uma autonomia e leis próprias de construção e tampouco seria apenas um mero reflexo das relações sociais de produção. Na realidade o espaço deveria ser considerado em sua relação dialética com as relações sociais de produção, relações estas de que é parte. Considerando a idéia de que o espaço é socialmente produzido, referida pela noção de espacialidade, Soja confirma que a dialética entre sociedade e espaço é expressa por relações “[...] inter-reativas, interdependentes; que as relações sociais de produção são formadoras do espaço e contingentes ao espaço [...]” (SOJA, 1993, p. 103).

A tentativa de imprimir ao espaço uma nova concepção, diversa daquela que se consolidou na geografia moderna, implica em considerá-lo em sua dimensão política e social. Trata-se, portanto, de pensar os processos que estão envolvidos na produção do espaço, como suas formas de apropriação, as lutas e conflitos presentes nas práticas

AGUIAR, *Evolução de um conceito: Breves considerações sobre o espaço.*

Doi: 10.51308/continentes.v1i20.325

sociais, na relação entre os homens. A passagem seguinte de E. Soja, expressa a importância de se considerar o espaço a partir de um entendimento que envolve,

A espacialidade concreta – a geografia humana efetiva – é, pois, um terreno competitivo de lutas pela produção e reprodução sociais, de práticas sociais que visam, quer à manutenção e reforço da espacialidade existente, quer a uma reestruturação significativa e/ou a uma transformação radical. (Soja, 1993, p.158)

De forma similar, Milton Santos considera que o espaço dispõe de uma autonomia relativa, não se tratando, portanto, de um mero reflexo social. Considera o espaço como um fator social, “uma estrutura subordinada-subordinante” (SANTOS, 2008, p. 181), uma instância capaz de exercer condicionamentos na sociedade. Há, portanto, uma relação que estabelece uma reciprocidade dialética entre o espaço e a sociedade, não havendo nesse sentido uma separação entre sujeito e objeto, já que estabelecem entre si uma relação de interação e de influência mútuas.

Ainda de acordo com Milton Santos (2009) o caráter social do espaço se contrapõe à noção de configuração territorial, esta entendida como uma junção entre os elementos que constituem a natureza e os acréscimos sobrepostos ao sistema natural, formados pelos objetos produzidos pelo homem ao longo da história. Em suas palavras, “A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima” (SANTOS, 2009, p.62). Por essa afirmação fica claro, portanto, que o espaço não se constitui apenas de objetos, mas também e, sobretudo de relações sociais, que lhe são inerentes. Nesse sentido, a esta noção de espaço, como objeto da geografia, deve estar subentendida o conjunto das relações sociais. Na definição de Milton Santos, o espaço é formado por um conjunto de objetos e de ações, mas que ambos só podem ser considerados de forma indissociável, uma vez que um não pode ser apreendido sem o outro.

Para concluir, a citação seguinte de Ruy Moreira aponta uma clara dimensão desse novo significado do conceito de espaço, no sentido de que não se trata de algo já dado, ou que possa ser pensado de forma isolada, mas sim como algo que se constrói no próprio processo do qual faz parte, ou seja, da constituição da sociedade.

A dimensão epistemológica relaciona-se ao tema da construção da sociedade por meio da construção de seu espaço. O espaço não é um *a priori* de Kant ou o receptáculo da história de Descartes-Newton, mas coincide com a própria construção da vida humana na história, de vez que é construindo a sociedade que o homem constrói seu espaço e assim dialeticamente. (MOREIRA, 2012, p. 41)

Referindo-se à Geografia como uma ciência social, Ruy Moreira sustenta que o estatuto científico dessa ciência se deve fundamentalmente ao caráter social de seu objeto, o espaço geográfico. “Tendo por objeto uma categoria de caráter social, o caráter científico da geografia fica determinado pelo caráter de seu objeto. Ora, o espaço é essencialmente um ente social” (MOREIRA, 2013, p. 64).

Considerações finais

A afirmação do espaço como produto social representa uma ruptura teórica e epistemológica em relação à sua concepção tal como forjada na modernidade, que o considera como uma dimensão abstrata e metafísica - continente das coisas e dos fenômenos - concepção esta que se consolidou e exerceu influência decisiva nas ciências humanas nascentes no século XIX.

Na geografia tal referência clássica se traduziu numa epistemologia do espaço moldada por uma visão superficial e aparente dos fenômenos. Nesse sentido, o espaço foi compreendido como uma coleção de coisas ou objetos, passível de uma apreensão de caráter empirista. Essa visão superficial persistente acabou por conferir grande importância à descrição dos fenômenos, em detrimento da compreensão do espaço como produto social. E. Soja qualifica essa abordagem descritiva como míope e ilusória, uma vez que o plano das aparências se constituiu como a origem de “[...] uma epistemologia da espacialidade” (SOJA, 1993, p. 151). Sem dúvida, trata-se de uma visão simplificadora e empobrecedora da realidade, pois as investigações e análises espaciais, usualmente, se mantiveram na superfície dos fenômenos.

Porém, a teorização do espaço a partir de uma perspectiva crítica inaugura uma nova concepção do conceito de espaço sob inspiração do marxismo. É importante reforçar que mais do que uma simples mudança de enfoque, ou seja, do deslocamento de uma visão tradicionalmente incorporada à Geografia – presa à localização dos fenômenos no espaço - para uma abordagem que considera a sua produção como

AGUIAR, *Evolução de um conceito: Breves considerações sobre o espaço.*

Doi: 10.51308/continentes.v1i20.325

imane à própria prática social, adotou-se como procedimento a análise do conteúdo das relações sociais associadas ao processo de produção e de reprodução do espaço (CARLOS, 2013, p.53).

A abordagem aqui proposta buscou realçar a concepção de espaço enquanto uma dimensão dinâmica e socialmente produzida, referencial teórico adotado pelo autor do presente trabalho. Embora seja um produto social, uma “[...] obra da civilização [...]” (CARLOS, 2015, p. 43), sob o capitalismo o espaço converteu-se em mercadoria mediante sua produção, visando em última instância atender aos imperativos da valorização e da acumulação do capital.

Para finalizar, podemos dizer que a concepção crítica do conceito de espaço, particularmente vinculada às contribuições de H. Lefebvre, inaugura uma nova epistemologia e uma nova maneira de conceber o significado e a natureza, desse que é o objeto central da Geografia. Esse novo referencial, produto da reafirmação do espaço enquanto categoria analítica, aquilo que se denominou de “virada espacial” (SOJA, 1993), representa uma radical inflexão em relação às concepções precedentes da teorização espacial, na medida em que se fundamenta em uma nova compreensão dos processos espaciais, que se desdobram através das ações de sujeitos reais.

Referências bibliográficas

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Da “organização” à produção do espaço no movimento**. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Orgs.). *A produção do espaço urbano: Agentes e processos, escalas e desafios*. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p.53-73.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A tragédia urbana*. In: CARLOS, A. F. Alessandri; VOLOCHKO, Danilo; ALVAREZ, Isabel Pinto (Orgs.). **A cidade como negócio**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.) **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 15-47.

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

HAESBAERT, Rogério. **Regional-Global: Dilemas da região e da regionalização na geografia contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HARVEY, David. **O espaço como palavra-chave**. Disponível em: <http://www.geographia.uff.br>. Acesso em 14/10/2017.

JAMMER, Max. **Conceitos de espaço: A história das teorias do espaço na física**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. Puc-Rio, 2010.

LEFEBVRE, H. **La producción del espacio**. Madri: Capitán Swing, 2013

162

MORAIS, Antônio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. São Paulo: Annablume Editora, 2007.

MOREIRA, Ruy. Da espacialidade ao espaço real: O problema da teoria geral a propósito do simples e do complexo em geografia. In: MENDONÇA, Francisco de Assis; LOWEN-SAHR, Cícilian Luiza; SILVA, Márcia da (Orgs.). **Espaço e Tempo: Complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico**. Curitiba: Associação de Defesa do Meio Ambiente e Desenvolvimento da Antonina (ADEMADAN), 2009.

_____. **Para onde vai o pensamento geográfico**. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

_____. **Pensar e Ser em Geografia**. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Edusp, 2009.

SOJA, Edward, W. **Geografias Pós-Modernas: A reafirmação do espaço na teoria social crítica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

Data de Submissão: 11/02/2021

Data da Avaliação: 20/07/2022